

## OS INTELLECTUAIS E A IDENTIDADE RELIGIOSA NO BRASIL

Solange Ramos de Andrade\*

Qual idéia tem um historiador, quando escolhe um título ambicioso para apresentar um trabalho? Em primeiro lugar, surge a vontade de abordar seu objeto naquilo que entende ser a íntegra de seu posicionamento. Em seguida, ao perceber a impossibilidade de tal intento, ele realiza um recorte mais modesto, sem contudo, abandonar a idéia original. É o caso deste Autor.

Tendo como premissa o caráter histórico presente na construção dos conceitos<sup>1</sup> utilizados por uma sociedade, bem como o papel desempenhado pelo lugar social ocupado por quem constrói um determinado conceito<sup>2</sup>, estamos nos propondo discutir a elaboração do conceito de catolicismo popular a partir do discurso elaborado pelos intelectuais em fins do século XIX.

Este texto faz parte de um projeto maior que tem a pretensão de mapear a construção do conceito de catolicismo popular no Brasil, defendendo que os intelectuais absorveram um conceito já legitimado pela instituição que o criou, a saber, o catolicismo popular é um conceito construído pela Igreja católica e os intelectuais o absorveram completamente a partir da década de 1960.

É interessante notar que, ao mesmo tempo em que forja um conceito específico de catolicismo popular, a intelectualidade católica acaba, também, por se apropriar de conceitos elaborados por sociólogos e antropólogos do início do século XX, e é aí que o trabalho de Nina Rodrigues torna-se relevante para o mapeamento do conceito de catolicismo popular.

A questão principal será: como Nina Rodrigues abordou a questão religiosa no Brasil, em seu livro *O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos*<sup>3</sup>. Consideramos de suma importância conhecer a postura deste autor, visto que consideramos ter sido, a partir dele, que os estudos sobre a identidade religiosa ligada ao catolicismo no Brasil teve seu início.

---

\* Professora Adjunta do Departamento de História – Universidade Estadual de Maringá – PR. Coordenadora do Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades – LERR/UEM.

O livro *O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos* centra sua discussão no estudo da opção ou crença religiosa dos negros africanos e seus mestiços no Brasil. A partir dessa delimitação, Nina Rodrigues, coloca o seguinte problema: *Por que os negros africanos e seus mestiços aderiram ao animismo fetichista e não à religião predominante no Brasil, o catolicismo?* Sua tese parte do princípio que as condições mentais influenciaram na adoção da crença religiosa e como os negros seriam uma raça psiquicamente inferior, ainda vivenciando um animismo fetichista, não estariam aptos a compreender as *elevadas abstrações monoteístas*.

O que nos interessa, particularmente, neste livro é a adoção do termo *ilusão da catequese*, abordado no capítulo V. É um termo extremamente importante, porque é a ele que a Igreja católica no Brasil recorreu nos anos 1960 para compor o quadro da identidade religiosa no Brasil.

Os livro publicado pelo autor, como toda produção, representa idéias de um determinado grupo social que, apesar de não ser homogêneo, detém o poder de expressar opiniões e de legitimá-las por meio dos textos publicados<sup>4</sup>.

Renato Ortiz (1994)<sup>5</sup> afirma que o trabalho dos autores do século XIX, quando voltados para uma definição de uma identidade nacional, principalmente os de Nina Rodrigues, Silvio Romero e Euclides da Cunha, representam um desejo de legitimidade política, correspondendo a interesses de diferentes grupos sociais na sua relação com um Estado que queria se firmar enquanto *nação*.

Dentre os fatores que contribui para a caracterização de uma identidade nacional, a religião ocupa um espaço considerável. Para Maria Isaura P. de Queiroz<sup>6</sup>, os estudos sobre a religiosidade no Brasil tiveram seu início efetivado em fins do século XIX, quando os intelectuais brasileiros buscavam as características componentes do *ser brasileiro*, o que significava esboçar *retratos do Brasil*, evocar *imagens do Brasil*, na procura das diferenças entre o Brasil e o restante do mundo. Queiróz afirma, ainda, que, no final do século XIX, os intelectuais brasileiros já admitiam que, na composição do *caráter brasileiro*, entravam traços culturais de três origens diferentes: a portuguesa, a africana e a indígena.

A importância dos trabalhos de Nina Rodrigues, para o estudo de nosso objeto, está, sobretudo, na análise que realiza sobre o comportamento do homem brasileiro. Foi um dos primeiros a abordar a religião, por entender a sua importância para a caracterização da cultura nacional, pois, de acordo com Florestan Fernandes<sup>7</sup>, a herança cultural religiosa constitui o principal núcleo de defesa e preservação das culturas originais, primeiro objeto de uma verdadeira ciência social no Brasil.

### **A IDENTIDADE RELIGIOSA EM NINA RODRIGUES**

No capítulo V, *A conversão dos áfrico-baianos*, Nina Rodrigues aborda a questão da não-conversão dos grupos afro-brasileiros. Define um conceito que será amplamente usado a partir da década de 1960, pelos intelectuais da Igreja católica: a *ilusão da catequese*.

A ilusão da catequese seria o efeito do processo de evangelização dos escravos africanos, realizado pela Igreja católica. O que antes era considerado como sinal de conversão, para Nina Rodrigues, não deveria ser contado como sucesso da catequização católica, como por exemplo, a presença de elementos católicos nos grupos afro-brasileiros, especialmente o culto às estátuas de santos.

Rodrigues defende que seria ilusório acreditar que a tentativa de conversão católica dos negros baianos teve êxito. Ao invés de converter o negro ao catolicismo, Rodrigues defende que este mesmo catolicismo é quem foi influenciado pelo negro, adaptando-se ao animismo rudimentar, buscando uma assimilação. Percebemos aqui o processo de assimilação cultural, inerente a todo grupo social que entra em contato com práticas diferentes das suas.

O autor sustenta que a conversão foi exterior às crenças e práticas fetichistas que em nada se modificaram. Porém, acredita que apesar de possuir uma imaturidade mental, as *leis da evolução* fariam com que o negro adquiriria, no futuro, a capacidade mental necessária para compreender o monoteísmo católico, defendendo o grau de aperfeiçoamento humano empreendido pelo desenvolvimento do monoteísmo.

Rodrigues afirma que todas as crenças e práticas recebem e refletem por igual o influxo da feitiçaria e da idolatria do negro, novamente demonstrando o estado primitivo em que se encontra:

*O animismo fetichista africano, diluído no fundo supersticioso da raça branca e reforçado pelo animismo incipiente do aborígene americano, constitui o su-sólo ubérrimo de que brotam exuberantes todas as manifestações ocultistas e religiosas da nossa população. As crenças catholicas, as práticas espíritas, a cartomancia, etc., todas recebem e reflectem por igual o influxo da feitiçaria e da idolatria fetichista do negro (Rodrigues, 1935, p. 167).*

Quanto à conversão das denominadas *raças inferiores* às crenças religiosas das denominadas *raças superiores*, Nina Rodrigues explica que, ao invés do negro converter-se ao catolicismo, este é influenciado pelo fetichismo e acaba adaptando-se ao animismo rudimentar de modo a torná-lo assimilável. Nos negros africanos existentes no Brasil e com seus descendentes, a conversão foi exterior.

*Concebem os seus santos ou orisás e os santos catholicos como de categoria igual, embora perfeitamente distinctos. Abridados na ignorancia geral da língua que elles falam e na facilidade com que, para condescender com os senhores, os africanos escravizados se declaravam e aparentavam convertidos ao catholicismo, as práticas fetichistas puderam manter-se entre elles até hoje quase tão extreme de mescla como na África (id, p. 169).*

Para o autor, existiria uma tendência de degeneração do fetichismo primitivo, a partir do momento em que, tanto o *negro creoulo* quanto o *mestiço*, não fossem mais diretamente educados pelo *africano*:

*...as práticas fetichistas e a mytologia africana vão degenerando da sua pureza primitiva, gradualmente sendo esquecidas e abastardas, ao mesmo tempo que se transfere para os santos catholicos a adoração fetichista de que eram objetos os orisás (idem, p. 170).*

Acreditava que quando desaparecessem todos os africanos seria mais fácil demonstrar a pureza nesses cultos:

*da sua transmissão aos negros Essa phase de transição é curiosa e instrutiva e convém ficar apurada por uma vez, porque, quando tiverem desaparecido de todo com os últimos africanos as praticas regulares dos seus cultos será muito mais difícil demonstrar que ainda é pura e simplesmente fetichista o culto que os negros possam dispensar aos santos catholicos. Farei observar todavia que não será muito cedo a extinção total dos cultos africanos neste estado, pois, não só são elles bem aceitos pelos creoulos e mestiços, como já vai bem adiantada a obra de transmissão creoulos e mulatos (id., 170).*

*Mas, si no negro africano havia e há ainda juxtaposição das idéas religiosas bebidas no ensino catholico, as idéas e as crenças fetichistas, trazidas da África; no creoulo e no mulato há uma tendência manifesta e incoercível a fundir essas crenças, a identificar esses ensinamentos. Como que para demonstrar que as leis da evolução psychologica são fundamentalmente as mesmas em todas as raças, esta fusão que tende a adaptar a comprehensão das concepções monotheistas catholicas á fraca capacidade mental do negro se está fazendo na Bahia exactamente segundo o mesmo processo porque, nos começos do christianismo, se fez a conversão da Europa polytheista ao monotheismo cristão então nascente (id. p. 172).*

Os negros estabeleceram identificações entre os santos católicos e os orixás yorubanos:

*Ora, ainda uma vez, esta equivalência ou identificação tem aqui por base uma correspondência profissional. Para alguns santos a equivalência esta feita e é fácil seguir o processo mental e as analogias em que ella se funda; para outros é menos clara e para alguns ainda não são uniformes (id, p.173)*

Para mostrar a assimilação existente entre negros e brancos, cita como exemplos:

*Ora, já vimos que a Sexta-feira é o dia da semana consagrado á Obatalá, aquelle em que os iniciados deste orisá são obrigados a andar de branco, trazer as contas brancas, lavar asquartinhas e mudar a água de santo. E para provar que não é o sentimento da adoração christian que ali leva a grande massa da população todas as sextas-feiras, basta saber que quer ma ida quer na volta, mesmo dentro dos bondes, as negras entoam samba, esboçam dansas que destoam completamente das praticas christans. As coisas chegam ao ponto da imprensa diária reclamar providencias da policia em termos duros e por demais severos (id, p. 179).*

No que diz respeito à lavagem das escadas da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim e a conseqüente interação entre práticas animistas e católicas:

*A lavagem da igreja do Senhor do Bonfim, na Quinta-feira da semana da festa, é uma prática copiada das lavagens de santo do culto*

*fetichista e executada de acordo com os preceitos desse culto (id, p. 180).*

Segundo Rodrigues, para os negros, os santos cristãos seriam orixás o que explicaria a sua defesa da idéia de uma pseudo-conversão:

*A mãe de terreiro, Linvaldina, é devotada ao mesmo tempo a Nossa Senhora da Conceição e a Ogun. O proprietário do engenho onde ella reside, admirado de eu lhe dizer que ella era ali a mãe de terreiro, me affirmava que esta negra faz grandes despesas com a festa catholica da Virgem Maria (Rodrigues, 1935, p.182-183).*

Durante quase todo o capítulo, Rodrigues reafirma encontrar, nos cultos africanos, tanto símbolos cristãos como símbolos fetichistas:

*Juntamente com os outros gris-gris ou talismans fetichistas se encontram por toda a parte pequenas cruces de madeira, que ao lado das figas, buzios, etc., figuram nas cestas das compradeiras, nos taboleiros das vendedeiras ambulantes, nas vendas, etc. Há mesmo uma figa muito curiosa que se encontra em toda a parte e em que esta associação é ainda mais completa. O index da mão fechada prolonga-se bastante para terminar em uma pequena cruz (Rodrigues, 1935, p.185).*

Contudo, essas práticas não se limitariam apenas àqueles que denomina de boçais e ignorantes:

*O número de brancos, mulatos e individuos de todas as cores e matizes que vão consultar os negros feiticeiros nas suas aflições, nas suas desgraças, nos que crêem publicamente no poder sobrenatural dos talismans e feitiços, dos que em muito maior número, zombam deles em público, mas occultamente os ouvem, os consultam, esse numero seria incalculável senão fosse mais simples dizer de um modo geral que é a população em massa, a excepção de uma pequena minoria de espiritos superiores e esclarecidos que tem a noção verdadeira do valor exacto dessas manifestações psychologicas (Rodrigues, 1935, p. 186).*

Para uma publicação na Revista Brasileira, Nina Rodrigues havia anteriormente denominado este capítulo de *Ilusões da cathequese no Brazil*, o que é justificável pelo seguinte:

*Continuar a afirmar em face de todos os documentos, que os negros bahianos são catholicos e que têm êxito no Brazil a tentativa de conversão é portanto, alimentar uma ilusão que póde ser cara aos bons intuitos de quem tinha interesse de que as coisas tivessem passado assim, mas que certamente não está conforme a realidade dos factos (Rodrigues, 1935, p. 199).*

Ao abordar as manifestações religiosas dos escravos, Rodrigues realiza sua análise a partir de dois lugares sociais: o do intelectual e o do católico. Toda a sua análise centra-se, em primeiro lugar, em estudos sociológicos e antropológicos para descrever as práticas religiosas dos escravos africanos e seus descendentes. O seu olhar católico manifesta-se na comparação que estabelece entre o catolicismo e os cultos afro-baianos.

Apesar da crítica à instituição eclesiástica, no que diz respeito ao processo de evangelização e catequização do escravo africano, em momento algum o autor deixa de usar o catolicismo como exemplo de manifestação religiosa superior à do africano, enfocando-o como uma religião essencialmente intelectualizada.

Ao acreditar que o africano, com o passar do tempo e como resultado da miscigenação, estaria intelectualmente preparado para praticar o monoteísmo, Rodrigues não analisa o catolicismo que foi implantado no Brasil, vindo da Península Ibérica e como ele estava impregnado de elementos místicos e mágicos.

De acordo com Laura de Mello e Souza<sup>8</sup> o cristianismo que no Brasil era vivido pelos colonos portugueses apresentava-se eivado de paganismo e pouco apegado a dogmas e liturgias. Paganismo presente na maioria da população, sob forma de práticas mágicas e de comportamentos públicos que contradiziam o recolhimento e a elevação que a Igreja atribuía à religiosidade. Logo, o processo de cristianização no Brasil foi bastante superficial e arraigada a práticas pré-tridentinas.

Ao ater-se a um catolicismo inserido no ideal tridentino para caracterizar a superioridade religiosa do branco em contraponto com a inferioridade religiosa do negro, Rodrigues acabou por se tornar, a partir dos anos 1960, peça fundamental para a intelectualidade católica desenvolver estudos sobre a identidade religiosa no Brasil.

## NOTAS FINAIS

---

<sup>1</sup> Koselleck, Reinhart, Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos, *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.134-146.

<sup>2</sup> Certeau, Michel de, *A Escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

<sup>3</sup> Rodrigues, Raimundo Nina, *O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos*. Bahia: s/e, 1935.

<sup>4</sup> Bordieu, Pierre, *A Economia das Trocas Lingüísticas*. São Paulo: Edusp, 1996.

<sup>5</sup> Ortiz, Renato, *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

---

<sup>6</sup> Queiróz, Maria Isaura P. de, Identidade Nacional, Religião, Expressões Culturais: a criação religiosa no Brasil, IN Sachs, Viola (coord.), *Brasil & EUA. Religião e Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 59-93.

<sup>7</sup> Fernandes, Florestan, *A etnologia e a Sociologia no Brasil*, São Paulo: Anhembi, 1958.

<sup>8</sup> Souza, Laura de M. citada por Hermann, J., Catolicismo IN Vainfas, Ronaldo (dir), *Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p. 110-112.